

AS PLANTAS E OS DEUSES NA MITOLOGIA

Francisco de Assis Florencio (UERJ)

ff017066@gmail.com

RESUMO

O nosso trabalho versará sobre algumas aventuras mitológicas que abrangem os deuses e as plantas. Essas aventuras, na maioria das vezes, envolvem algum tipo de metamorfose oriunda da paixão de um ser divino por outro da mesma essência ou por um ser humano. Primeiramente, destacaremos o loureiro, que nos traz à lembrança a paixão de Apolo por Dafne; em sequência, aparecerá a romã, fruto consumido por Prosérpina após ter sido raptada pelo deus dos infernos; em terceiro lugar, teceremos comentários sobre uma flor, o jacinto, oriunda da metamorfose do jovem que lhe deu o nome e por quem se enamorou Apolo; por fim, ressaltaremos a anêmona e a rosa; a primeira se originou da transformação de Adônís e a segunda foi dedicada à Vênus.

Palavras-chave: Mitologia. Plantas. Deuses.

1. Introdução

Antes de adentrarmos na mitologia greco-latina, não podemos nos olvidar de que a religião e a cultura judaico-cristãs também fazem uso abundante das plantas em suas festas e rituais. No judaísmo, a título de exemplo, vale a pena destacar a presença da mandrágora e da romã. A primeira era conhecida pelos hebreus como *dudaim* e era tida no tempo dos patriarcas como uma planta capaz de deixar fértil a mulher que viesse a possuí-la. A crença se devia ao fato de suas raízes lembrarem a forma humana, crença esta que levou Raquel a permitir que Leia dormisse com Jacó em troca delas (Gên 30: 15). Já a romã (*mala punica*), graças ao seu grande número de sementes e a sua forma que nos faz lembrar um útero, quando cortada ao meio, perpassa todo o Velho Testamento e vem, geralmente, com ideia de fecundidade, abundância, o que fica claro quando os espias, que foram inspecionar a terra prometida, trouxeram, além de um cacho de uva enorme, romãs e figos. (Nm 13:22)

Relativamente ao cristianismo, a narrativa bíblica diz que dentre os três presentes trazidos pelos reis magos estava a mirra. É claro que aqui não se fala da árvore ou de alguma parte dela, mas do que foi produzido dela, a saber, o óleo. Vale lembrar que o ouro, tipifica o rei, o incenso, Deus; e a mirra, o homem. Jesus recebeu mirra ao nascer e, já morto, teve o corpo envolvido em panos que continham mirra e aloés.

A mitologia greco-latina está cheia de exemplos de metamorfoses envolvendo seres e plantas. Estes exemplos chegaram até nós principalmente pela obra *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio. A primeira transfiguração sobre a qual teceremos comentários foi a de Dafne que, após ser perseguida por Apolo, preferiu ser transformada em loureiro a se render aos desejos do deus da música. A sua transformação em loureiro não foi por acaso, uma vez que esta era a árvore consagrada ao deus da música. Na segunda história de amor não ocorre uma metamorfose, mas sim o simbolismo e o poder mágico oriundo da romã e é por aí que enveredaremos. Na segunda metamorfose aparecerá de novo o deus Apolo. Sua paixão agora – espelhada no modelo grego da relação entre um homem mais velho e um jovem – é pelo jovem Jacinto que, graças à sua juventude e beleza, encontra a morte, só escapando dela ao se eternizar em forma da flor que veio a ser batizada com seu nome. Por fim, a história de amor entre Adônis e Vênus é usada como pano de fundo para explicar a origem de duas flores: a anêmona e a rosa. A primeira traz à lembrança o jovem Adônis, que após morrer, é metamorfoseado nesta flor, gerando algumas festas que o homenageiam como, por exemplo, a *Adônis*, e, no caso de Vênus, não encontramos uma explicação para a origem da rosa, mas sim o porquê de ela ter se tornado vermelha.

2. *Apolo e Dafne*

O mito de Dafne e Apolo tem origem num desafio feito por este ao filho de Vênus. Envaidecido por ter vencido a Píton, o deus da música, após presenciar Cupido brincando com seu arco e com suas flechas, caçoa dele e o aconselha a brincar com as chamas oriundas de sua tocha e deixar as armas com que brincava com uma pessoa mais experiente, a saber, o próprio Apolo. Cupido, ressentido pela provocação e descaso, diz ao deus de Delfos que as armas dele podem ferir todas as coisas, mas que as do Amor podem ferir o seu coração. Deixa de falar e parte para a ação. A Apolo ele fere com uma seta de ouro e a Dafne, filha do rio-deus Peneu, fere com uma seta de chumbo. A primeira seta foi feita para atrair o amor; a segunda, para afastá-lo. Executada a tarefa, Apolo se apaixona loucamente pela ninfa; ela, porém, passou a ter ojeriza ao amor. Ela, com certeza, era adoradora de Diana, pois seu prazer eram as caminhadas nos bosques e a caça. Tinha aversão ao casamento e havia convencido o próprio pai a prometer que jamais daria sua mão em casamento. Apolo, porém, inflamado de paixão, não levou em conta a vontade da ninfa nem a promessa de seu pai. Decidiu, então, possuir aquele corpo por ele muito

braços tomam a forma de galhos; seus pés se prendem ao solo como raízes e, por fim, seu belo rosto passa a ser a parte mais alta da árvore. Verifica-se, porém, que, mesmo metamorfoseada, a sua beleza permanece e o desejo de Febo por ela não se altera, pois ele continua a amá-la, a tocá-la, a abraçá-la e a beijá-la, ainda que ela continue a fugir de seus beijos. Ele, contudo, dirige-se a ela e vaticina que, embora ela não possa mais ser sua esposa, será sua árvore. A partir das palavras do deus, o leitor descobre em que árvore a ninfa se metamorfoseou: um loureiro.

Vejamos, então, partindo do mito, o legado desta árvore para a história da humanidade, em especial para a cultura greco-latina. Em termos de simbolismo, como ela era a árvore consagrada a Apolo e este era a divindade que representava os jogos, havia, sem dúvida, uma ligação entre os jogos e árvore, conforme podemos perceber nas palavras da professora Guida Nedda Barata Parreiras Horta, na obra *A Luz da Hélade*:

O $\infty \cup \square \blacksquare$, a princípio $\times \square \infty \infty \times \blacklozenge \blacklozenge$, isto é, de caráter utilitário, por conceder prêmios materiais, com o tempo tornou-se $\blacklozenge \blacklozenge \times \infty \blacksquare \times \blacklozenge \blacklozenge \infty$ pois a vitória passou a ser recompensada apenas por uma coroa $\infty \blacklozenge \blacklozenge \times \infty \blacksquare \times \infty$ de louros, sem nenhum valor intrínseco, porém, ligada ao culto, já que o loureiro é o arbusto consagrado ao deus Apolo. (HORTA, 1980, p. 111-112)

A mestra está a falar sobre os prêmios que os vencedores dos Jogos Píticos recebiam. Percebe-se que o culto à divindade, que constava ter sido o próprio criador dos jogos, era tão significativo que o valor material do prêmio foi colocado num patamar inferior ao seu valor espiritual. Ao falar da “coroa de louros”, a ilustre professora nos faz retornar ao texto de Ovídio, quando o deus, ao dizer que seus cabelos sempre serão enfeitados pelas folhas do loureiro, inaugura a tradição de a cabeça dos heróis píticos também ser coroada com folhas de louros. Além de enfeitar a cabeça dos atletas, os “louros da vitória” também estavam presentes na cultura bélica romana, o que se verifica com as expressões: “junto dos comandantes do Lácio”, “Triunfo” e “Capitólio”. A partir dos estudos de Richard Jun Folkard (1884), examinaremos cada um dos termos citados.

No que se refere aos comandantes do Lácio, os exemplos mais célebres são Públio Cornélio Cipião e Júlio César. O primeiro, ao entrar em Cartago, levava em uma mão um cetro (símbolo de poder) e na outra um ramo de louro (símbolo de vitória). Quanto a César, o Senado o honrou com o direito de usar uma coroa de louro alexandrino, que, além de cobrir a sua calvície – algo que o incomodava bastante – servia também para representá-lo como um general vitorioso.

No que diz respeito ao *Triumphum*, assim explana Richard Jun Folkard: “As lanças do soldado, as tendas, os navios, etc., estavam todos vestidos com louro, e no triunfo, cada soldado carregava um ramo na mão”.²⁵⁰ Fica evidente aqui que, durante o desfile de vitória, o caráter simbólico do loureiro era de fundamental importância para deixar claro para o povo romano a sua supremacia sobre os povos conquistados, uma vez que o loureiro sobre as armas e os seus ramos nas mãos dos soldados seriam hoje em dia, *mutatis mutandi*, uma faixa ou um troféu de campeão para um atleta e, para o vencedor de uma guerra, os despojos de guerra.

A menção ao Capitólio se deve ao fato de que *duces* vitoriosos tinham de cumprir o ritual de subir ao Capitólio, localizado no monte Capitolino, para sacrificar a Júpiter Capitolino em agradecimento pelas vitórias conquistadas.

Além do exposto, não se pode esquecer de que por ser um arbusto consagrado a Apolo, suas folhas não só estavam presentes em seu templo, mas também eram usadas como uma droga que ao ser mascada pela sacerdotisa levava esta a um estado de êxtase e dele ao entusiasmo, preparando-a, assim, para a adivinhação, como fica evidente no comentário da professora Giesecke: “... Pythia, a sacerdotisa de Apolo, que supostamente inalava vapores intoxicantes que surgiam de uma fissura na Terra e mordida folhas de louro para melhorar seu transe psíquico”.²⁵¹

3. Plutão e Prosérpina

A história do casal em destaque se inicia quando Vênus, temendo que Prosérpina seguisse os passos da deusa Diana, pede ao seu filho que fleche o coração de Plutão a fim de que ele se apaixone pela filha da deusa Ceres. *Dictum et factum*. Certo dia, Prosérpina, na companhia de suas companheiras, colhia lírios e violetas no bosque do vale de Ena. Ao vê-la, o deus dos infernos ficou louco de paixão e a raptou. Seus gritos foram em vão, pois nem sua mãe, nem suas companheiras puderam fazer nada em seu favor. Para fugir mais rápido, o raptor a leva para sua carruagem e

²⁵⁰ “The soldier’s spears, tents, ships etc., were all dressed up with laurel, and in the triumph each soldier carried a branch in his hand”. (FOLKARD, 1884, posição 1008)

²⁵¹ “... Pythia, Apollo’s priestess, who reportedly inhaled intoxicating vapors arising from a fissure in the Earth and chewed laurel leaves to enhance her psychic trance”. (GIESECKE, 2014, p. 34)

dirige-se para o mundo dos mortos.

A mãe, ao notar a ausência da filha, fica desesperada e, começando ao raiar do dia, procura Prosérpina até o anoitecer. Sem êxito em sua busca, senta-se numa pedra e durante nove dias e nove noites permanece imóvel a mercê das intempéries do tempo. Saindo de sua estaticidade, vai viajando de terra em terra, atravessado mares e rios. A sua busca só terminou quando uma ninfa do rio, na intenção de avisá-la, deixara cair na correnteza do Cíano – rio que leva a uma gruta que dá passagem ao mundo dos mortos – uma guirlanda feita por Prosérpina. A deusa acha, então, que havia perdido sua filha e decide castigar a terra por tê-la tragado. A partir de então, a terra tornou-se infértil, havia sol e chuva em demasia, os animais começaram a morrer e os homens a passar fome. A fonte Are-tusa, porém, intercede em favor da terra e conta à deusa que sua filha é agora esposa de Plutão e rainha do Érebo.

Após ouvir o relato, Ceres se dirige rapidamente ao Olimpo a fim de ter uma audiência com o deus dos deuses. Diante do soberano, implora a ele que interceda para que sua filha lhe seja restituída. Júpiter consente que Prosérpina lhe fosse restituída, desde que ela não tenha provado qualquer alimento, durante a sua estadia no mundo inferior.

Vejamos, então, a partir do texto latino, o que aconteceu depois da fala de Júpiter:

Dixerat, at Cereri certum est educere natam; non ita fata sinunt, quoniam ieiunia virgo solverat et, cultis dum simplex errat in hortis,	535
puniceum curva decerpserat arbore pomum sumptaque pallenti septem de cortice grana presserat ore suo, solusque ex omnibus illud Ascalaphus vidit, quem quondam dicitur Orphne,	540
inter Avernales haud ignotissima nymphas, ex Acheronte suo silvis peperisse sub atris; vidit et indicio reditum crudelis ademit.	

(OVÍDIO, liber V)

3.1. Tradução

Dissera, mas ordenou a Ceres que reouvesse sua filha; os fatos não permitem isso, porque a virgem quebrara o jejum e, enquanto vagava sozinha pelos cultivados jardins, retirara uma romã de uma árvore curva; e, tendo pegado sete sementes da descorada casca, espremera em sua boca. Dentre todos, apenas Ascalafo viu isso, o qual se diz ter nascido outrora nos sombrios bosques de Orfe (não muito desconhecida entre as ninfas do Averno), e de seu Aqueron-

te. Ele viu e, de maneira cruel, impediu, com essa informação, o retorno dela.

3.2. Comentários

Antes de comentarmos o excerto destacado, traremos à lembrança as lendas que fazem referência à origem mitológica da romã. Segundo Richard Jun Folkard (1884, posição 11202), que não faz referência a nenhum autor clássico, a primeira lenda sobre a origem desta planta vem da história de amor entre uma ninfa e Baco. Houve um profeta que vaticinou que ela ainda haveria de usar uma coroa e vestes púrpuras. Ao ser seduzida e desonrada, porém, pelo deus do vinho, que lhe havia prometido casamento, pede a ele que a transforme numa planta imperial. Ele atende o seu pedido e a transforma numa romã, cujo cálice representa sua coroa e cuja cor, quando madura, e as flores vermelhas representam as vestes púrpuras. Ainda segundo Richard Jun Folkard (1884, posição 11202), a segunda lenda vem do poeta greco-romano Oppiano de Ciflía²⁵², segundo o qual, a origem da romã vem da história de um homem, que após perder sua esposa, apaixonou-se por sua filha Side, que é a palavra grega para romã. Para escapar a louca paixão de seu pai, Side se suicida. Os deuses, compadecidos com o ocorrido, transformam-na em romã e seu pai em um gavião, razão pela qual, esta ave nunca pousa sobre um pé de romã.

Passemos agora a comentar o texto de Ovídio. Após obter o aval de Júpiter para ir buscar sua filha nos *inferi*, a deusa dos cereais descobre que há mais um obstáculo em seu caminho: os *Fata*. Assim, embora ela seja uma deusa, não tem o poder de mudar o destino de sua filha. Esta, sem abandonar o velho hábito de passear por entre bosques e jardins, vê uma romã pronta para ser devorada, não resiste à tentação e come o fruto proibido. Ainda que a ordem de Júpiter dissesse respeito a qualquer tipo de alimento, acreditamos que a escolha da *puniceum pomum* não foi por acaso. Por estar associada a Hera, deusa do casamento e do nascimento, a romã estava ligada, entre muitos povos antigos, a rituais de casamento. Na Turquia, por exemplo, a noiva jogava uma romã no chão e o número de sementes que saía do fruto partido vaticinava se sua família seria numerosa ou não. Já na Dalmácia, quando um jovem ia pedir a mão de sua pretendente em casamento, ele, metaforicamente, prometia ao pai da noiva que transportaria para seu jardim as belas flores vermelhas da romã que estavam plantadas no jardim de seu futuro sogro.

O número de sementes retiradas e comidas por Prosérpina também

²⁵² Poeta que viveu durante os reinados dos imperadores Marco Aurélio e Cômodo.

não foi um fato isolado e ocorrido por acaso. O sete, como sabemos, é um número cabalístico e, como diz Salis, ao comentar a numerologia que envolve a pirâmide:

Se somarmos o quatro com o três teremos o sete, que é o número de dias da semana e o das cordas da lira de ouro de Apolo. Esta representava as sete vibrações da alma, cada qual indicando um caminho para o homem. (SALIS, 2003, p. 228)

No comentário supracitado, fica evidente que, ao colher e comer sete sementes, a filha de Ceres traçou o seu próprio caminho, a saber, escolhera não apenas viver no mundo dos mortos, mas também ser a sua rainha.

Há, pelo menos, duas hipóteses para o porquê de Prosérpina ter comido a romã. A primeira,

Quanto a Ascálafo, filho de Aqueronte e Orfne, uma vertente diz que ele foi castigado pela própria Prosérpina e outra que foi castigado por Ceres por ter revelado o que sua filha havia comido. Ele foi metamorfoseado em coruja, cujo pido é, até hoje, sinal de mau agouro e prenúncio de tristeza.

4. *Jacinto e Apolo*

O amor entre um homem mais velho, conhecido por *erastês* (amante), e um jovem, *erômenos* (amado) era algo tão comum entre os gregos que veio a se refletir na mitologia. Antes de continuarmos a comentar o contexto grego, é-nos necessário fazer a distinção entre “pederastia”, prática comum aos gregos, “pedofilia” e homossexualidade, segundo o entendimento de Skinner:

Assim, a pederastia é, por definição, homossexual, embora a “homossexualidade” geralmente implique o comportamento sexual consensual entre adultos, enquanto tanto a “pedofilia” quanto a “pederastia” como rótulos para a conduta sexual atual designam o abuso de uma vítima abaixo da idade de consentimento. (SKINNER, 2014, p. 61)²⁵³

Percebemos, na citação acima, que a pederastia era algo natural na sociedade grega clássica. Para eles, não havia problema algum em um homem mais velho se relacionar com um jovem, uma vez que a relação que passava a existir entre eles não era apenas de natureza sexual, mas

²⁵³ “Thus pederasty is by definition homosexual, although “homosexuality” commonly implies consenting sexual behavior among adults, while both ‘pedophilia’ and ‘pederasty’ as labels for present-day sexual conduct designate the abuse of a victim below the age of consent”.

também de amizade e didático-pedagógica, pois geralmente o mais velho era um filósofo, um mestre e o efebo, seu pupilo. Apenas com o advento do cristianismo é que a pederastia passou a ser tratada como algo pecaminoso e nocivo, conforme podemos perceber nas palavras do médico Adelino P. da Silva:

Na Grécia, o vício tomou rapidamente um desenvolvimento excessivo. A pederastia campeava infrene e se Sólon regulou e organizou a prostituição feminina em Atenas, foi para pôr cobro ao gosto dissoluto dos atenienses.

(...)

As escolas de filosofia converteram-se em antros de deboche, os ginásios em focos do amor grego.

Atenas possuía templos em honra de Eros, protetor do amor entre os homens. (DA SILVA, 1895, p. 667)

Fica claro, então, graças à definição de Marilyn B. Skinner e à exposição de Da Silva, um médico cristão do século XIX, que a “pederastia” foi considerada, durante muitos séculos, algo antinatural e, em muitos países, até o século XX, seus praticantes estavam sujeitos ao “crime de pederastia”, ou seja, de práticas homossexuais. Assim, embora a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo seja melhor definida como homossexualidade, o contexto histórico nos leva a concluir que a melhor definição para a prática ali existente é a pederastia, uma vez que pedofilia é uma prática abusiva.

Voltando ao texto das metamorfoses, destacaremos, a partir de agora, a relação amorosa entre Apolo e Jacinto. O deus se apaixonou tão loucamente pelo jovem que, ao acompanhá-lo, fazia o papel de seu servo. Assim, quando Jacinto ia pescar, ele levava a rede; quando ia caçar, era a divindade que conduzia os cães de caça; deste modo, onde quer que o jovem fosse, ali estava Apolo a segui-lo. Certo dia, os dois estavam a brincar de disco, Apolo atirou-o muito alto no ar. Jacinto, no afã de pegá-lo e executar sua jogada, correu para apanhá-lo. Zéfiro, o vento do oeste, que também amava o efebo, resolve, por ciúmes, desviar a trajetória do disco e fazer com que ele atingisse a testa do jovem. Ao ver o jovem desacordado e ferido, Apolo tenta em vão estancar o sangue que fluía da fronte de seu preferido. A sua cabeça, porém, como a haste de uma flor cai ao murchar, pende sobre o ombro, anunciando, assim, a sua morte. Ao perceber o ocorrido, Apolo começa a se lamentar e a chorar a morte de seu querido. Pensa até em tomar-lhe o lugar; mas como isso não é possível, decide que a partir de então o jovem não só estará presente em sua mente e em seu canto, mas também será homenageado ao ser transformado em

uma flor que traz consigo a marca da saudade do deus.

Vejamos agora como Ovídio descreve o momento da metamorfose:

talia dum vero memorantur Apollinis ore,
ecce cruor, qui fusus humo signaverat herbas, 210
desinit esse cruor, Tyrioque nitentior ostro
flos oritur formamque capit, quam lilia, si non
purpureus color his, argenteus esset in illis.
non satis hoc Phoebo est (is enim fuit auctor honoris):

ipse suos gemitus foliis inscribit, et AI AI 215
flos habet inscriptum, funestaque littera ducta est.
nec genuisse pudet Sparten Hyacinthon: honorque
durat in hoc aevi, celebrandaque more priorum
annua praelata redeunt Hyacinthia pompa. (OVÍDIO, liber X)

4.1. Tradução

Enquanto tais coisas são contadas verdadeiramente pela boca de Apolo, eis que o sangue, que, vertido na terra, manchara as ervas, deixou de ser sangue. Nasce uma flor, mais brilhante do que a púrpura tória e toma uma forma parecida com os lírios, se ela não fosse púrpura e estes de uma cor argêntea. Mas isso não foi bastante para Febo (porque foi ele o autor da honra). Escreveu seus lamentos nas folhas e a flor tem escrito sobre ela: “AI, AI!” e a funesta inscrição foi prolongada. Esparta não se envergonha de ter dado origem a Jacinto; a sua honra dura até o presente dia, e, conforme o costume dos antigos, a pompa deve ser celebrada anualmente, levando adiante os jacintos que retornam.

4.2. Comentários

A metamorfose começa no momento em que o sangue é vertido na terra. O ocorrido nos traz à lembrança os sacrifícios realizados por alguns povos antigos, segundo os quais, o sangue, ao entrar em contato com a terra, a fecundaria, deixando-a fértil e pronta para renascer. E é exatamente isso que vem a ocorrer com o sangue de Jacinto. Ele não seca, não coagula, mas renasce, ganha uma nova forma de vida, não mais do mundo animal, mas do reino vegetal. Quanto à sua forma e aparência, Eili Goldberg assim se expressa: “No entanto, este não é, aparentemente, o jacinto que nos é familiar hoje em dia, mas sim uma flor que se assemelha a um lírio de água com uma cor carmesim profunda que surgiu do

sangue do jovem”.²⁵⁴

A interjeição que marca o lamento da divindade teria vindo, segundo Neves, das pétalas onde “se pretende ver as iniciais de Apolo (A) e a do jovem (Y) (NEVES, 2002. Posição 2739), e é por isso que, segundo Richard Jun Folkard (*op. cit.*, p. 10₁₀), o jacinto era “considerado como um símbolo de dor e tristeza”²⁵⁵, entre os antigos.

Vale trazer à memória uma outra característica desta flor: seu poder de sedução. Assim como Jacinto, graças a sua juventude e beleza, seduziu a duas divindades, a flor, dele oriunda, levou consigo estas características e foi, por isso, que Juno fez uso de seu perfume, durante a Guerra de Troia, para seduzir Júpiter, levando-o a esquecer por algum tempo da guerra e voltar a sua atenção para o “odor de feminina” que vinha de sua esposa.

A referência a Esparta se deve ao fato de ser esta a terra natal de Jacinto, cujo pai era Amiclas, rei de Esparta.

Havia um festival, conhecido como *Hyacinthia*, que durava três dias e era comemorado anualmente na cidade de Amiclas. A principal característica deste sombrio ritual era o derramamento de libações no solo, trazendo à lembrança o sangue de Jacinto vertido na terra.

5. *Vênus e Adônis*

O texto base para a descrição do mito de Adônis se encontra nas *Metamorfoses*, do poeta Ovídio, livro X. Antes de entrar no mito de Adônis, o poeta narra a história de sua mãe, Mirra, e de sua relação incestuosa com seu pai, dando origem, assim, a Adônis. Em sua narrativa, Ovídio omite algumas informações presentes em escritores que o antecederam. A primeira é a causa de ele ter sido atacado por um javali. Isso se deu, segundo esses escritores, em razão de Marte, com ciúmes da paixão de Vênus por Adônis, ter pedido a Diana que o ajudasse a se vingar da traição. Ela, no momento em que o amado de Vênus estava a caçar, enviava, para o matar, um javali, que, segundo algumas vertentes, era, na verdade, Apolo metamorfoseado. Adônis, ferido, começa a agonizar e a ge-

²⁵⁴ However, this is apparently not the hyacinth that is familiar to us nowadays, but rather a flower that resembles a water-lily with a deep crimson color that sprang from the blood of the youth.

²⁵⁵ “... regarded as an emblem of grief and sorrow.”

mer, sendo socorrido, por fim, por sua amada.

Vejamos a narrativa de Ovídio:

agnovit longe gemitum morientis et albas
flexit aves illuc, utque aethere vidit ab alto 720
exanimem inque suo iactantem sanguine corpus,
desiluit pariterque sinum pariterque capillos
rupit et indignis percussit pectora palmis
questaque cum fatis "at non tamen omnia vestri
iuris erunt" dixit. "luctus monimenta manebunt 725
semper, Adoni, mei, repetitaque mortis imago
annua plangoris peraget simulamina nostri;
at cruor in florem mutabitur. an tibi quondam
femineos artus in olentes vertere mentas,
Persephone, licuit: nobis Cinyreius heros 730
invidiae mutatus erit?" sic fata cruorem
nectare odorato sparsit, qui tinctus ab illo
intumuit sic, ut fulvo perlucida caeno
surgere bulla solet, nec plena longior hora
facta mora est, cum flos de sanguine concolor ortus, 735
qualem, quae lento celant sub cortice granum,
punica ferre solent; brevis est tamen usus in illo;
namque male haerentem et nimia levitate caducum
excutiunt idem, qui praestant nomina, venti.

5.1. Tradução

Reconheceu, de longe, o gemido do que estava morrendo e dirigiu suas alvas aves para lá; assim que, do alto céu, viu-o desfalecendo e o corpo agitando-se em seu próprio sangue, desceu e ora dilacerando as vestes, ora os cabelos e, com as mãos inquietas, bateu no peito e, queixando-se dos fados, disse: "Mas nem todas as coisas estarão à mercê de vosso arbítrio". As lembranças do meu luto, Adônis, permanecerão para sempre e a imagem repetida da tua morte completará as imitações anuais das nossas lamentações; mas teu sangue será transformado em uma flor. Não te foi permitido, Perséfone, transformar os membros femininos em verdes mentas? Acaso nosso herói, descendente de Ciniras, metamorfoseado, será rancor pra mim? Tendo assim falado aos fados, cobriu o sangue com um aromático néctar, aquele, tocado por este, começa a engrossar, do mesmo modo que gotas transparentes costumam surgir do cinzento céu. Não houve uma pausa maior do uma hora completa, quando uma flor da mesma cor surge do sangue dele, tal qual romãs, que escondem suas sementes sob a casca mole, costumam produzir; breve é, porém, o gênero de vida nela; porque os mesmos ventos, que lhe dão o nome, sacodem a flor que está pouco apegada à terra e que, com muita leveza, cai.

Antes de compararmos o texto do vate latino com os de outros autores, teceremos alguns comentários sobre seus versos. Do verso 725 até o verso 727, há uma alusão a uma festa anual que viria a acontecer em

toda a Grécia e, em particular, na Atenas clássica, para relembrar a morte de Adônis e a brevidade de sua juventude: a Adonia. Era uma festa, celebrada em pleno verão, que trazia à memória o ocorrido entre Adônis e Vênus e era celebrada apenas pelas mulheres gregas. Sennet assim comenta os preparativos para este festival:

A liturgia da Adonia resgatava esse mito, pois no seu curso as mulheres lamentavam a morte de um jovem capaz de amar. Na semana anterior ao festival em sua honra, a cada julho, elas plantavam sementes de alface que germinavam rapidamente em pequenos potes, nos telhados de suas casas. Elas regavam e fertilizavam os vasos com cuidado, somente até que os brotos verdes surgissem; depois, deixavam-nos secar e, quando morriam, consideravam ter chegado o tempo de começar a celebração. Nos jarros — "jardins de Adônis" — as plantas ressecadas espelhavam a morte do deus. (SENNET, 67)

5.2. Comentário

Além de trazer à lembrança o ocorrido com o jovem amante de Vênus, a festividade se caracterizava pela liberdade dada às mulheres para celebrar sem restrições a Adonia. Durante a celebração, elas “saíam da concha” imposta pela sociedade grega e, livres das cadeias sociais, podiam, sem obstáculos, gozar da liberdade e do prazer, que se realizava, na maioria das vezes, no telhado das casas, e que se desprendia de qualquer tipo de preconceito, pois as mulheres ora se relacionavam com homens, ora se relacionavam com outras mulheres. Quanto aos jardins de Adônis, o fato de se plantarem neles sementes de alfaces não é à toa. Isso se deve a duas razões: o primeiro, com certeza, é o caráter perene desta verdura; a segunda, de caráter histórico, era a crença entre os gregos de que esta planta possuía poderes antiafrodisíacos, lembrando, assim, a morte precoce de Adônis e, como consequência disso, a sua morte física e sexual.

Não podemos nos olvidar de que o culto a Adônis é de origem oriental e que já estava presente entre os povos semitas, em especial os sírios. Lá ele era conhecido por Tamuz ou Adônis - tradução preferida por Jerônimo – deus da vegetação e, segundo a versão oriental, nasce de uma virgem, ou seja, a *Natura*. Assim como veio a ocorrer na Grécia clássica, também no oriente, as mulheres choravam e lamentavam, anualmente, a morte do deus, como podemos ver na narrativa bíblica: “E me levou à entrada da porta da casa do Senhor, que estava do lado norte, e eis que ali mulheres estavam assentadas a prantear Tamuz”. (Ezequiel, 8:14)

Em termos de simbolismo, vale lembrar que as plantas oriundas

do sangue de um deus ou de um herói (Adônis) representam a união mística entre homem e planta e o surgimento da vida a partir da morte, como veio a ocorrer também com a romã, oriunda do sangue de Dionísio e, segundo a tradição cristã, o mesmo também veio a ocorrer com os lírios vermelhos, que teriam se originado do sangue de Jesus. Sobre a ressurreição simbólica de Adônis, Salis assim se posiciona: “Sua ressurreição simbolizava que o amor e o belo nunca morrem, mas que é de nossa responsabilidade mantê-los vivos, mesmo que isso seja (e é) um risco”. (SALIS, 2003)

Menta, segundo Ovídio, foi uma ninfa, amada por Plutão, a qual Prosérpina, após descobrir a infidelidade do marido, transformou na erva batizada com seu nome.

Acreditamos que a presença de *punica* no texto, na verdade, *mala punica*, não é por acaso. Como já dissemos, o culto a Adônis é de origem oriental. Na Síria, na época do profeta Eliseu (II Reis 5.18), havia um culto a um jovem deus chamado *Remmon*, ou seja, “romã”, cuja adoração nos lembra e muito o culto a Adônis, principalmente pelo fato de que esta divindade morre para criar uma nova vida.

O nome anêmona, flor-do-vento, deve-se ao fato de este tipo de flor necessitar da rajada dos ventos para que ocorra a sua polinização. Plínio, o velho, nos diz que ela nunca produz flores (floresce), a não ser quando os ventos sopram. (*História Natural* 21.94.)

A narrativa de Ovídio deu origem a muitas outras sobre o caso de amor entre Vênus e seu efebo. Gostaríamos de destacar, aqui, três autores: dois que provavelmente se inspiraram no poeta de Sulmona, a saber, Rapin (1621-1687) e Garcilaso (1501-1536); dentre os que antecederam o poeta latino, destacamos o helenista Bión. Vamos a eles:

Ai de Vênus! Morreu o belo Adônis,
E Vênus tantas lágrimas derrama,
Quanto de sangue derramou Adonis.

As lágrimas, e sangue desparzido
Em terra, em flores se convertem: gera
O sangue a rosa, as lágrimas a anêmona.²⁵⁶

René Rapin:

Do mesmo modo que das lágrimas da venerada Vênus, que caíram enquanto contemplava o cadáver do belo Adônis a sangrar, brotava a anêmona

²⁵⁶ Bión de Esmirna. *Idílio I: à morte de Adônis*.

ou a flor do vento; assim também, do sangue do menino pranteado, que fluía da ferida mortal provocada por um javali, originava-se a flor de adônis. (RAPIN, 1728)

Garcilaso de la Vega:

"As brancas anêmonas que próximo a ele sopravam, ao serem tocadas por seu rubro sangue, tornam-se vermelhas para sempre". (VEGA, 1821)

William Shakespeare, em *Sonho de Uma Noite de Verão*:

uma florzinha do ocidente, antes branca como leite, agora purpurina, da ferida que do amor lhe proveio. "Amor ardente" é o nome que lhe dão as raparigas. Vai buscar-me essa flor; já de uma feita te mostrei essa planta. Se deitarmos um pouco de seu suco sobre as pálpebras de homem ou de mulher entregue ao sono, ficará loucamente apaixonado por quem primeiro vir, quando desperto. Vai buscar-me essa planta.

Ao fazermos o cotejo dos dois primeiros textos com o de Ovídio, percebemos que aqueles fazem a distinção entre a flor citada pelo vate latino, oriunda do sangue de Adônis, e a que se origina das lágrimas de Vênus. Essa distinção é importante, pois nos leva além do texto latino e nos transporta para o universo das plantas. Assim, além da anêmona, que segundo os poetas citados, é oriunda das lágrimas da deusa e não do sangue de seu amado, temos ainda outra flor. Esta, que segundo a tradição europeia, teria realmente se originado do sangue de Adônis é conhecida por flor-de-adônis ou *adonis autumnalis*, cuja cor é vermelho-escuro.

Já Garcilaso de la Vega e William Shakespeare não apenas ligam a origem da anêmona ao sangue vertido pelo jovem – indo assim ao encontro de Ovídio – mas também o associam à cor desta flor. No texto do poeta inglês, encontramos uma referência ao poder que esta flor possuía, ao ser aplicada conforme a fórmula citada, de fazer com que aquele ou aquela a quem havia sido administrada a fórmula se apaixonasse perdidamente pela primeira pessoa que lhe viesse à vista.

Por fim, destacamos a narração de Aftônio de Antioquia (retórico do século IV), segundo a qual, ao saber do ocorrido com seu jovem amante, a deusa teria corrido em seu auxílio e, sem perceber, entrou em um roseiral onde teve a planta do pé ferida por um espinho. Assim, seu sangue, ao tocar a rosa que até então era branca, mudou-lhe a cor, fazendo com que ela se tornasse da sua própria cor.

6. Conclusão

Este trabalho é “uma gota d’água no oceano” do muito que ainda há de ser estudado sobre a relação entre as divindades e as plantas. Essa relação se dá em todas as religiões, cultos e mistérios. Isso ocorre, com certeza, graças ao pensamento primitivo do homem de que as plantas, além dos seus poderes terapêuticos, possuíam também poderes “que vão além da nossa vã filosofia”. Entre os gregos e os romanos, a presença delas, como vimos, é uma tentativa de se explicar como se dão as metamorfoses e transformações pelas quais passam os seres humanos e os deuses. Assim, no caso de Dafne, fica evidente que a planta, na qual ela foi metamorfoseada, passa a ser símbolo de vitória não apenas por ter sido consagrada a Apolo, mas também por carregar consigo características próprias daquela donzela, como, por exemplo, a sua luta por não ser alcançada e possuída por Apolo; no caso de Prosérpina, o comer a romã simboliza o casamento, a união, ou seja, ela une para sempre a filha de Ceres não só ao ser marido, mas também ao mundo dos mortos; quanto a Jacinto, assim como ocorreu com Adônis, o simbolismo está na sedução oriunda da juventude, do belo, que, no caso da flor na qual ele se transformou, manifesta-se no seu perfume primaveril; no que se refere a Adônis, por ter morrido na “flor da juventude”, a flor que o retrata também traz em si esta característica, pois suas frágeis pétalas se espalham ao serem atingidas por uma leve brisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLKARD, Richard Jun. *Plant Lore, Legends and Lyrics: embracing the myths, traditions, superstitions, and folk-lore of plant kingdom*. London: Sampson Low, 1884.

GIESECKE, Annete. *The Mythology of Plants: Botanical Lore from Ancient Greece and Rome*. Los Angeles: J. Paul Getty Trust Publications, 2014.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *A luz da Hélade*. Ensaios literários, n. 1. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, 1980.

IDILIOS de Teocrito, Bion y Mosco. Trad.: Don Joseph Antonio Conde. Madrid: Oficina de D. Benito Cano, 1796.

NASO, Publius Ovidivs. *Metamorphoses*. Disponível em: <www.thelatinlibrary.com>.

NEVES, Orlando. *Dicionário de nomes próprios*. Portugal: Oficina do Livro, 2002.

RAPIN, René. *A Latin Poem in Four Books*: Translated by Mr. Gardiner. London: Bernard Lintot, 1728.

SALIS, Viktor D. *Mitologia viva: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*: São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

SECVNDVS, Gaius Plinius. *Naturalis historia*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/pliny1.html>>.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad.: Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHAKESPEARE, William. *Sonho de uma noite de verão*. Ato II, cena I. Online: disponível na internet via <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/sonho-verao.html>

SILVA, Adelino P. da. *A inversão sexual: estudos médico-sociais*. Lisboa, 1895. <www.indexebooks.com>.

SKINNER, Marilyn B. *Sexuality in greek and roman culture*. 2. ed. UK: John Wiley & Sons, Inc., 2014.

VEGA, Garcilaso de la. *Obras de Garcilaso de la Vega*. Madrid: Librería de Sancha, 1821.